

URBANISMO

Dois estudos da UnB reconstituem o trabalho de arborização da capital federal. Espécies trazidas de outras regiões do país não resistiram ao clima do cerrado e, aos poucos, foram substituídas pela flora local

História verde de Brasília

ANA HELENA PAIXÃO (TEXTOS)
PAULO CARVALHO (FOTOS)

DA EQUIPE DO CORREIO

Nilsa Costa é do tempo em que as árvores em Brasília tinham nome de gente. À medida que eram plantadas, os moradores da 114 Sul as rebatizavam com o nome dos filhos. “Tem a Guilherme, a Beatriz, a Ana... Hoje, as crianças são adultos e as famílias nem moram mais aqui. Mas quem ficou protege e briga com quem tenta estragar qualquer pé de planta”, brinca a dona-de-casa que mora há 30 anos na superquadra do Plano Piloto.

A memória de Brasília está guardada nas frondosas árvores que ornamentam a cidade. No princípio, era o cerrado fechado. Os quase 6 mil km² que formam o Distrito Federal limitavam-se à beleza das árvores retorcidas. A partir de outubro de 1956, quando o então presidente Juscelino Kubitschek pisou pela primeira vez em solo brasiliense, a paisagem mudou para sempre. O solo candango foi devastado para dar lugar à cidade-sonho. Árvores de outros países e de outros *brasis* começaram a substituir o cerrado em 1958. Várias espécies sucumbiram. Outras adaptaram-se tão bem que, passado quase meio século, até parecem nativas.

Duas teses de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, elaboradas por alunos da Universidade de Brasília (UnB), mostram a história verde da capital. Os trabalhos acadêmicos reconstituem o processo de arborização da cidade. Revelam ainda as diferenças entre a proposta original do urbanista Lucio Costa e a realidade imposta pela natureza.

As máquinas que por aqui chegaram, em meados dos anos 50, foram implacáveis. “Ninguém pensou duas vezes antes de destruir um bosque inteiro de pequizeiro se ele estivesse no lugar destinado ao Congresso”, observa a arquiteta Simone Cruz, autora de uma das teses da UnB.

O desconhecimento das sutilezas do cerrado levou os arquitetos e paisagistas pioneiros a optar por espécies de outras regiões do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina. No início da construção de Brasília, qualquer árvore podia se integrar à paisagem local, desde que cres-

cesse rápido e produzisse belas flores e sombra farta. A estratégia mostrou-se equivocada, apenas uma década depois da inauguração da capital. Milhares de plantas não resistiram ao clima do cerrado e morreram. Mesmo assim, as espécies exóticas ainda correspondem a 90% do total de árvores do DF.

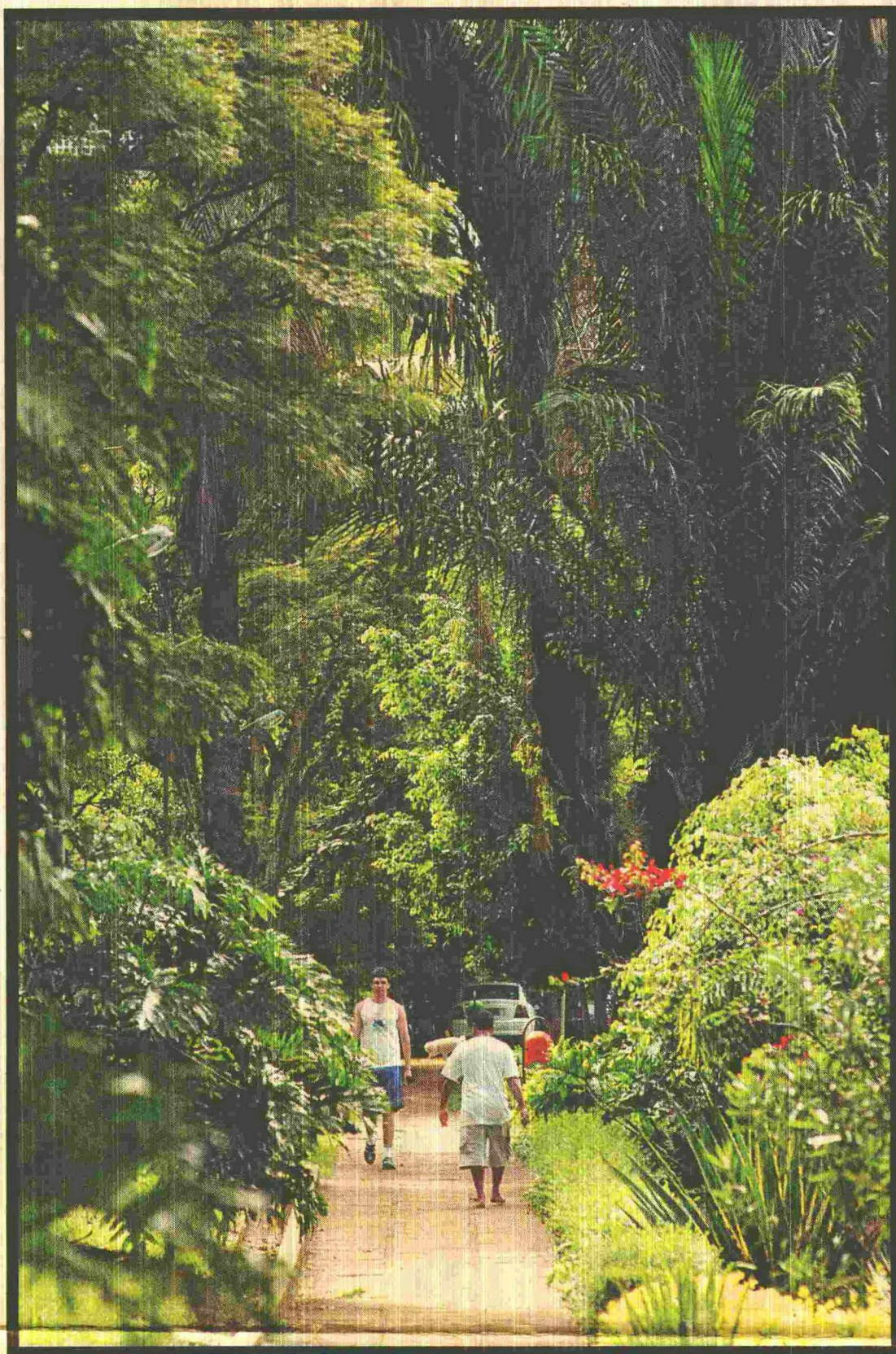
Durante dois anos, a arquiteta Simone Cruz entrevistou pioneiros e esquadrinhou arquivos da Novacap, além de revistas e jornais. O objetivo era recuperar a história de cada semente, muda e planta incorporada à paisagem do DF. Simone descobriu que a arborização da cidade já estava prevista no projeto original. Mas tornou-se uma das prioridades dos construtores a partir de 1958, graças à interferência da primeira-dama Sarah Kubitschek.

“Ela queria inaugurar a Igreja (na 108 Sul) e insistiu para que fizessem um gramado, um tapete verde ao redor do templo”, explica a arquiteta. Na época, não existiam mudas ou sementes de plantas nativas e pouco se sabia sobre a vegetação do cerrado. Era impossível replantar o que foi destruído.

Os pioneiros mandaram, então, trazer grama do tipo *batatais*, de Luziânia (GO), para a Igreja. Como a estratégia deu certo, foi repetida no Palácio da Alvorada. Por quase dois anos, o verde na capital ficou praticamente restrito à Igreja e à residência oficial do presidente. “Diz a lenda que, às vésperas da inauguração, jogaram alpinista na Esplanada para minimizar a vermelhidão do barro”, conta Simone.

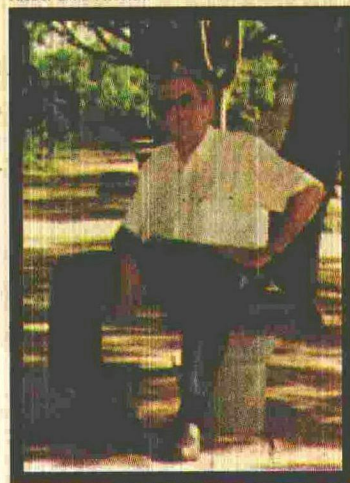
Verdade ou mito, o fato é que o gramado da Esplanada mudou duas vezes antes de chegar ao modelo atual. “Primeiro, plantaram grama *bermuda*, que morreu na primeira seca. Depois, do tipo *pensacola*, um pouco mais resistente, mas ainda frágil. Por fim, colocaram a *batatais*”, relata Simone Cruz. A espécie permanece até hoje e predomina em todo o DF. Embora assuma um tom marrom, não morre durante a estiagem. Na época de chuva, torna-se de um verde exuberante.

O urbanista Lucio Costa tinha um plano definido para as superquadras. Apesar de abrigar prédios praticamente iguais, cada uma delas se diferenciava pelo tipo de árvore a ser plantada. “A



MORADORES DA 114 SUL PASSEIAM ENTRE PALMEIRAS IMPERIAIS E OUTRAS ESPÉCIES: PROJETO DE BURLE MAX

Kleber Lima 11.10.01



“AS PESSOAS
DIZIAM QUE
ESSA TERRA ERA
AMALDIÇOADA”

Ozanan Coelho,
diretor de Parques e Jardins
da Novacap

idéia era colocar uma só espécie em cada quadra para ajudar moradores e visitantes a se localizar”, explica o engenheiro agrônomo Alexandre Sampaio. Ele defendeu tese de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, na qual confrontava o projeto original de Lucio Costa ao que foi implantado de fato. “Se o plano do urbanista ti-

vesse sido concretizado, teríamos a Rua dos Ipês, a da Copaíba, a da Aroeira e assim por diante”, exemplifica Sampaio.

No entanto, para o pesquisador, a idéia mostrou-se insustentável. Os técnicos do Departamento de Parques e Jardins até tentaram seguir a determinação de Lucio Costa. Mas, aos poucos,

perceberam que a tarefa de substituir a vegetação nativa não era tão simples. No início dos anos 70, as árvores exóticas começaram a morrer por inadequação ou devido a ataques de pragas.

Uma das áreas mais atingidas foi a Avenida W3 Sul, onde predominavam as *cássias* — árvores vindas do Rio de Janeiro, com até 8 metros de altura e flores amarelo-claro durante quase seis meses. “O ápice da mortalidade na W3 Sul foi em 1976, quando morreram 8 mil *cássias*”, completa Simone Cruz.

A tragédia ambiental teve também implicações políticas. Parlamentares contrários à mudança da capital defendiam a volta do poder ao Rio de Janeiro. “As pessoas diziam que essa terra era amaldiçoada porque nem as árvores sobreviviam aqui”, lembra Ozanan Coelho, diretor do Departamento de Parques e Jardins da Novacap e pioneiro da arborização no DF. “Além do desgaste

VEGETAÇÃO

Grama batatais

● Introduzida em 1958, mostrou-se a espécie mais resistente ao clima local graças ao seu poder de recuperação. Não morre na seca e recupera-se totalmente nas chuvas. Mas misturada às primeiras remessas da espécie, chegaram ao DF sementes invasoras como carrapicho, picão e dente-de-leão.

Espatódneas

● De origem africana, a planta foi largamente introduzida no DF. Mas sua utilização é polêmica até hoje. Mais conhecida como xixi-de-macaco, a árvore adaptou-se tão bem ao cerrado que é considerada uma praga. A abelha araruá, que poliniza as plantas nativas, fica presa nas flores dessa árvore quando tenta colher néctar e pólen. Isso causa grande mortandade do inseto, o que pode provocar desequilíbrio ecológico e prejudicar a diversidade do cerrado. Na dúvida, a Novacap não as replanta.

Lophantheras

● Originária da Amazônia, essa árvore destaca-se pela copa em formato cônico, flores amarelas e cachos pendentes, distribuídos por toda a copa. Ela domina e embeleza a entrada do Parque da Cidade e os estacionamentos do Plano Piloto, especialmente do Ministério da Fazenda, Panteão da Pátria e órgãos públicos. As árvores mais antigas estão na SQS 110.

político, perdemos dinheiro e tempo. Com a crise de 76, tivemos que recomeçar do zero.”

Mas o episódio teve ao menos um ponto positivo. Para pôr fim ao deserto que se formou na W3, os pesquisadores voltaram sua atenção para a vegetação nativa. “O lado bom foi que buscamos reintroduzir as espécies do cerrado. Percebemos que a longevidade das árvores exóticas era menor fora do ambiente natural delas”, pondera Ozanan. “Na arborização da Asa Norte, priorizamos espécies locais.”

Para a assistente de direção da primeira escola do DF, Sandra Lúcia de Lima, a natureza é um patrimônio de Brasília. “Estamos na Escola Classe 114 Sul, quadra com jardins projetados por Burle Max, que recebia a visita de todas as autoridades que vinham conhecer a capital”, conta. “Nossos alunos dizem que ela é bonita porque é cercada pela natureza. E eles estão certos.”